

CNI considera inoportuna a desaceleração da economia

Informe da entidade diz que não é necessário freio, pois crescimento não é excessivo e tem influência sazonal

MÔNICA MAGNAVITA

RIO — O Informe Econômico da Confederação Nacional da Indústria (CNI), divulgado ontem, formula duas perguntas básicas nos cenários desenhados para 1997: 1) A economia está aquecida? 2) Em caso positivo, há necessidade de o governo pisar no freio? Resposta número um: sim. Resposta dois: não. O País encontra-se em processo de recuperação, mas o aquecimento observado nos últimos meses não é excessivo e tem um forte componente sazonal (festas de fim de ano). Logo, não há necessidade de medidas restritivas para conter o crescimento neste momento.

Segundo o subchefe do departamento econômico da CNI, Flávio Castello Branco, a recuperação econômica nos últimos três me-

ses foi relativamente suave. A seu ver, os dados de desempenho industrial da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), que apontam para um crescimento, precisam ser bem analisados. Comparadas a outubro de 1995, as vendas industriais cresceram 14% no mesmo mês deste ano.

Mas Castello Branco observa que outubro de 1995 foi um período de ajuste forte. Tanto que, ao dessazonalizar os índices (retirar os efeitos típicos de cada época do ano), o Índice de Atividade da Fiesp (INA) cresceu apenas 0,6% (outubro contra setembro) e as vendas reais,

2,9%. “Nos últimos três meses, o INA ficou relativamente estabilizado em um nível abaixo do que esteve em 1996”, diz o economista.

Segundo ele, causou muito impacto a divulgação, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do resultado do Produto Interno Bruto (PIB) do terceiro trimestre do ano. Foi um desempenho recorde, mas o economista chama a atenção para o fator estatístico, que dá margem a análises equivocadas. A comparação com 1996 é favorável, porque no ano passado aquele foi um período ruim para a economia.

Desafio — Além disso, no terceiro trimestre de 1996, os setores agrícola e de serviços tiveram contribuição forte no PIB, bem acima de 95. Já o PIB industrial ficou 2% inferior ao do primeiro trimestre 1995, o pico do Real. “É um aquecimento, mas nada excessivo”, afirma Castello Branco.

Ele observa que grande parte da recuperação dos últimos meses tem sido provocada pela expansão do crédito.

EXPANSÃO DO CRÉDITO PERMITIU RETOMADA

Mas há limitações claras para a continuidade desse processo, segundo ele. “Identificamos restrições naturais para o endividamento das pessoas”, disse. “O consumidor está mais ciente dos próprios limites.”

Por isso, a CNI acredita em uma acomodação no ritmo de consumo na virada do ano — o que deverá refletir positivamente na balança comercial. Aliás, esse será um dos grandes desafios no próximo ano. “O governo terá que compatibilizar a geração de um crescimento mais forte das exportações com a capacidade competitiva da economia brasileira”, disse Castello Branco.